

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 1\$425 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

Aveiro

CLERICALISMO E PULHISMO

Continua Letourneau magistralmente.

Quarto periodo.—«A agua ce-
leste, diz Santa Thereza, cahe
muitas vezes quando o jardineiro
menos a espera.» Entretanto a
santa observa que, no principio,
o arrebatamento não se produz
senão depois d'uma longa oração
mental, isto é, quando o cerebro
está bastante congestionado e ex-
citado. Então «apraz a Deus que
a alma võe para si gradualmente.
Depois, pega n'essa pomba e col-
loca-a no seu ninho, onde re-
pousa.»

A consciencia do mundo exte-
rior apaga-se em breve mais ou
menos completamente. O mesmo
succede á motilidade. «Não se
póde, sem um esforço muito gran-
de, muito doloroso, mover sequer
as mãos. Os olhos fecham-se, sem
que a alma os queira fechar.» Um
facto muito digno d'attenção é
que a abolição da sensibilidade
não se exerce unicamente sobre
os órgãos especiaes externos, mas
sobre o proprio cerebro, órgão
da intelligencia. Ainda se dão
sensações, mas não existe a fa-
culdade de as apreciar. «A alma
é incapaz de lêr, por mais que
ella queira; percebe as letras, mas
como o espirito não trabalha, não
póde distingui-l'as, nem reuni-l'as;
quando se lhe fala, ouve o som
da voz, mas não palavras distin-
ctas.»

Até o sentimento do peso des-
apparece. E' mesmo esse pheno-
meno curioso que mereceu ao ex-
tasis o nome de arrebatamento
que lhe dão os mysticos. O pe-
nitente sente-se arrancado do só-
lo e arrebatado no ar, ainda que
a vontade procure resistir. «Não
se póde quasi nunca resistir. O
arrebatamento exerce-se sobre
vós com uma impetuosidade tal,
tão repentina e tão forte, que che-
gareis a vêr e a sentir, por assim
dizer, essa nuvem do céu, essa
agua divina, arrebatat-vos e le-
var-vos... N'esses momentos tão
deliciosos, a fraca natureza expe-
rimenta um não sei que de terror
ao principio. A's vezes eu che-
gava a resistir; mas, como era de
certo modo lutar com um gigan-
te, acabava por cahir enfraqueci-
da e morta de cansaço. Outras ve-
zes, todos os meus esforços eram
vãos; a minha alma era arrebatada,
a minha cabeça seguia quasi
sempre esse movimento, sem que
eu a pudesse conter, e mesmo
n'algumas occasiões todo o meu
corpo era arrebatado de tal sorte
que não tocava mais a terra...
Quando eu queria resistir, sentia
debaixo dos meus pés forças es-
pantosas que me empurravam pa-
ra cima.»

Se não ha movimentos volun-
tarios, também não ha movimen-
tos conscientes. «Emquanto o cor-
po está no arrebatamento, perma-
nece como morto e muitas vezes
na impotencia absoluta d'obrar.
Conserva a attitude em que foi

surprehendido.» Portanto, perma-
nece em pé ou assentado, com as
mãos abertas ou fechadas. Note-
mos que não succede sempre isto
e que, muitas vezes, o extatí-
tico toma uma attitude em har-
monia com as suas visões. (*Ex-
tatica de Voray.*)

Tem-se procurado explicar a
curiosa sensação do arrebatamen-
to propriamente dicto, e abolição
do sentimento do peso. Tem-se
notado que, n'um baloço, o mo-
vimento d'ascensão é acompa-
nhado instinctivamente d'uma
profunda inspiração dilatando o
thorax, e isto para evitar as nau-
seas, ou o mal marítimo, o en-
jão. E' incontestavel que se re-
siste mais facilmente ao enjão
harmonisando, segundo esta idéa,
os movimentos respiratorios com
os do navio. E de passagem no-
tarei que se resiste mais facilmen-
te ainda, se houver o cuidado de
fixar ao longe o horizonte im-
movel e nunca as vagas movedi-
ças e visinhas. Gratiolet, que dá
esta explicação segundo Chevreul,
diz ter visto uma louca que pro-
curava de vontade a sensação do
arrebatamento fechando os olhos
e aspirando profundamente. Obser-
va ainda, segundo o doutor Cau-
dmont, maior frequencia de sonhos
acompanhados de arrebatamento
entre as raparigas virgens, o que
elle explica por um embaraço pre-
cordial (1) acompanhando os pri-
meiros desejos e determinando
profundas inspirações.

A expressão *embaraço precor-
dial* é uma d'essas denominações
vagas, tão frequentes em lingua-
gem medica, que com grande pre-
juizo da sciencia não tem ainda
uma explicação scientifica.

Para ser mais aceitavel, a ex-
plicação relativa aos movimentos
respiratorios não póde applicar-se
senão aos arrebatamentos de cur-
ta duração. Nós propomos, a títu-
lo de conjectura, a explicação se-
guinte. No extasis, a sensibili-
dade especial diminue immenso, ás
vezes chega mesmo a desappare-
cer completamente. A propria
Santa Thereza o affirma: «O mais
das vezes conserva-se o sentimen-
to, mas experimenta-se não sei
que perturbação, de forma que
se se perde a acção exterior com-
pleta, não se deixa d'ouvir; é co-
mo um som confuso que vem de
longe. (2) *Contudo, mesmo esta
maneira d'ouvir cessa quando o
arrebatamento chegou ao seu mais
alto grau.*»

Não ha duvida nenhuma de
que n'este caso a sensibilidade
geral não partilhe a sorte da sen-
sibilidade especial. Os martyres,
os entusiastas (Santa Perpetua,
João Chatel etc) e certos aliena-
dos, não sentem a dôr. Diz-nos
Santa Thereza que, em certos
transportes que ella descreve pou-
co claramente, procurava em vão
um allivio no uso d'algumas pe-
nitencias, mas «sob os golpes de
uma flagellação cruel, sentia-os
tanto como se o corpo não tivesse
vida.»

Nenhuma duvida resta também

(1) *Precordial*, que diz respeito ao diaphragma, ao epigastro.
(2) Todos os medicos sabem como este symptoma é commum na hysteria.

de que n'este grau d'anesthesia (1)
o extático deixa de sentir a pressão
do seu corpo sobre o sólo, e essa
impressão geral e vaga pela qual
nós nos sentimos em todos os
membros. Já não ha corpo; flu-
ctua-se no vaeuo, e é então sem
duvida que a inspiração faz crer
n'um movimento d'elevação, se
por ventura ainda existe alguma
consciencia dos movimentos res-
piratorios.

No meio de todas estas desor-
dens nervosas, em que se tor-
nam as funcções nutritivas? Santa
Thereza não nos dá sobre esse
ponto senão informações incom-
pletas. As freiras affirmavam-lhe
que algumas vezes tinha o pulso
quasi completamente perdido.
Sentia d'uma maneira sensível que
o calor natural ia enfraquecendo
e que o seu corpo arrefecia a pou-
co e pouco; mas tudo isso «com
uma suavidade, um prazer inex-
primíveis». Quando accordava,
achava-se toda inundada de lagri-
mas que corriam sem dôr, mas
com uma espantosa impetuosida-
de.

A vida nutritiva afrouxa, a vi-
da de relação desaparece; mas,
por outro lado, a vida cerebral é
activa, as faculdades exaltadas
funcionam com energia no sen-
tido do desejo apaixonado. Expe-
rimenta-se geralmente um senti-
mento de felicidade inaudita. De-
seja-se a presença de Deus, que
se affigura aos extáticos obedecer
docilmente aos seus desejos
amorosos. Ouvem-n'o, falam-lhe,
vêm-n'o. «A primeira vez que o
Senhor me concedeu o favor d'um
extasis, eu ouvi estas palavras:
«Não quero que converseis mais
com os homens, mas sómente
com os anjos.» As palavras são
pronunciadas com uma voz tão
clara que se não perde nada do
que se diz, e algumas vezes fa-
zem-se ouvir em momentos em
que a alma está tão perturbada,
que não poderia formar um pen-
samento capaz... E' nas occa-
siões em que o extasis arrebatá
á memoria quasi toda a acção e
conserva a imaginação como que
manietada, que a palavra divina
descobre á alma estas verdades.»

No dizer de Santa Thereza, ha
momentos d'união perfeita com o
Deus immaterial; mas o mais das
vezes, e isto mesmo a affligia mu-
lto, era a humanidade de Deus,
era Jesus Christo que apparecia.

N'outras occasiões via anjos.
«Emquanto eu estava n'esse es-
tado, descobria ao pé de mim um
anjo de fôrmas corporaes... com
uma lança d'ouro na mão, cuja
ponta de ferro tinha na extre-
midade um pouco de fogo. De tem-
pos a tempos enterrava-a a tra-
vez do meu coração, mergulhan-
do-m'a até ás entranhas. Ao reti-
ra-la deixava-me toda abrazada
no amor de Deus.»

Não é difficil reconhecer n'esta
descripção colorida um spas-
mo hystericamente espiritualizado
pela idéa mystica.

A memoria voluntaria fica abo-
lida. «Se se lê, perde-se toda a

(1) *Anesthesia*, extincção ou diminuição da sensibilidade, em geral, ou da sensibilidade d'um órgão (notas para uso do vulgo.)

lembrança da leitura e não se pó-
de fixar o espirito. Quanto ao en-
tendimento, se elle entende é por
uma fôrma que lhe é desconhe-
cida.»

A imaginação, como vimos,
cria allucinações pela excitação
em que está.

A vontade, isto é a vontade li-
vre, desaparece completamente
no extasis completo.

Ora semelhantes orgias cere-
braes deixam traços profundos:
dôres violentas em todos os mem-
bros, um torpor somnolento du-
rante muitos dias, um amargo
desgosto da vida, um ardente de-
sejo da morte: «morre-se de não
morrer». Uma apathia irmã da es-
tupidez.

E' um effeito d'essa grande e
triste lei de intermittencia que
rege a actividade cerebral e que
se póde formular assim:

*Toda a exacerbação na vida ce-
rebral é seguida d'uma depressão
correlativa.*

E' curioso approximar os qua-
tro periodos descriptos por Santa
Thereza dos que descrevem os
estaticos sectarios de Boudha. (1)

Sabe-se que a recompensa a
que aspiram os devotos do bu-
dhismo, é escapar á lamentavel
necessidade de se encarnarem in-
cessantemente em novas fôrmas,
é poder emfim ser absorvidos pe-
lo nada, o Nirvana. Esperando o
Nirvana que seguirá a morte do
justo, procuram gosar do Nir-
vana imperfeito que é possível en-
contrar n'este mundo, isto é do
extasis, que, como Santa There-
za, distinguem em quatro graus.

No primeiro, o asceta abstrah-
de tudo, excepto do desejo do so-
berano bem, do Nirvana; mas pen-
sa e raciocina ainda menos mal.

No segundo, nem raciocínio,
nem juizo. A intelligencia do de-
voto é absorvida toda pela idéa
do Nirvana. Completamente affas-
tado de tudo, só lhe resta o pra-
zer da satisfação interior; mas é
incapaz de a julgar e de a com-
preender.

No terceiro grau já nem esse
prazer existe. Entretanto, experi-
menta ainda um vago sentimento
de bem estar physico; tem con-
servado a memoria dos estados
precedentes e ao mesmo tempo
uma consciencia confusa d'exis-
tir.

Emfim, no quarto grau os es-
forços perseverantes do asceta
são coroados d'um pleno succes-
so; perdeu tudo. A personalidade
desapparece n'uma santa e perfei-
ta impassibilidade. E' se inacces-
sível ao prazer e á dôr, tanto mo-
ral como physicamente. Perdeu-
se mesmo o sentimento d'essa
santa indifferença; vive-se tão pou-
co quanto se póde viver sem ter
morrido. Possue-se emfim o Nir-
vana terrestre.

A differença entre os dois ex-
tasis a ninguém escapa. E' sim-
plesmente a differença que pro-
duzem os temperamentos e as ra-
ças. Mas ambos chimericos, am-
bos com o mesmo resultado, a
abolição da vontade e da razão,

(1) Saint-Hilaire, *O Boudha e a sua religião.*

resultado identico que se chama
Nirvana na Asia, união completa
com Deus nos mosteiros da Eu-
ropa.

E terminemos com duas pala-
vras. Porque é que o extasis, tão
raro na maior parte das paixões,
é relativamente commum na pai-
xão mystica? Sem duvida nenhu-
ma por causa dos jejuns, das pri-
vações que prescrevem todos os
codigos religiosos, das macera-
ções que exaltam a irritabilidade
nervosa; e sobretudo pela suppli-
ca, pela oração, pela contempla-
ção a que se entrega o devoto no
oratorio ou na igreja mal allumia-
da, por entre uma immobildade
perfeita e com os olhos fixos ma-
chinalmente em objectos proxi-
mos; emfim, pelas prescripções
sabias dos ritos mysticos. As pai-
xões ordinarias imitam bem tudo
isso, mas imperfeitamente e ins-
tinctivamente.

O homem a quem domina uma
idéa fixa: o amor, a sciencia etc,
procura também a solidão, esque-
ce também as necessidades do
corpo. Sem repouso nem trégua
pensa no objecto dos seus dese-
jos a que applica todas as suas
faculdades. Mas apesar de tudo
isso, vive ainda da vida commum,
não se sequestra nunca comple-
tamente; diversos interesses o sol-
licitam e embora a insomnia lhe
appareça á cabeceira, ao menos
nunca se ensaia a combater o so-
mno. Emfim, alcança muitas ve-
zes o fim dos seus desejos, em-
quanto o mystico se consomme
em esforços estereis e vãos. Pos-
sue! Eis o remedio que os medi-
cos e os moralistas justamente
preconisaram. Em geral, a posse
é a melhor cura e a unica. O ido-
lo era tão bello, tão precioso, tão
brilhante! Eis ahí o idolo. To-
mae-o lá nos vossos braços, al-
cançae-o, tocae-o e a paixão fica
curada.

Mas o mystico! Pobre louco,
pobre grilheta, pobre victima.

Leitor, a amargura d'essas il-
lusiones é bastante tenaz para que
vos possam esquecer em toda a
vossa vida.

Torpeza moral, torpeza intel-
lectual e torpeza physica! No pro-
ximo numero resumiremos e comen-
taremos.

PARA A FRENTE

Como temos feito notar, os in-
tuitos dos promotores da campa-
nha contra as irmãs da caridade
tem sido sempre profundamente
pacificos e legaes. Não recuarão
deante de coisa nenhuma, empre-
garão todos os meios, quaesquer
que elles sejam, para desaggravar
a honra d'esta terra e repellir o
mais negro attentado de que ha
memoria entre nós. Entretanto,
para que os não accussem de re-
volucionarios por systema, de
desordeiros por interesse ou de
facciosismo politico não tem que-
rido nem quem chegar a extre-
mos violentos sem que a força
das circumstancias completamen-
te os imponham e justifiquem.
Não desejam duvidas sobre a sua

conducta ou sobre a sinceridade da sua propaganda e querem que as responsabilidades do que possa succeder recaiam sobre quem de justiça pertencerem.

Nesse sentido tem cedido a todos os esforços de conciliação e transigencia. Mas tudo tem um termo; e o termo fatal das tréguas avisinha-se a passos agigantados.

A comissão encarregada de fazer cumprir as determinações do ultimo comicio tem esperado debalde pelas promessas do presidente do conselho. Dizia-se que s. ex.^a estava resolvido a fazer justiça á sua terra. Afirmava-se que o chefe do partido progressista esquecerá por um instante o odio que lhe imputam pela terra que lhe foi berço para fazer cumprir a lei e respeitar a vontade dos seus conterraneos ou patrios.

Entretanto, o que é certo é que as coisas vão andando no mesmo pé. O sr. presidente do conselho não cumpriu o que prometeu em camaras. Não sabemos, nem queremos saber, se depois d'isso pensou em mais alguma coisa. O facto é que as irmãs da caridade estão dentro do hospital, é que a cidade de Aveiro permanece deshonrada, é que o ultrage á memoria de José Estevão, e por conseguinte ás nossas glorias e ás nossas tradições é cada vez mais insolente e atrevido. Este é que é o facto, e contra factos não valem promessas nem valem evasivas. Factos destroem-se com factos.

Ora havemos de cruzar os braços deante d'isto? Havemos de descançar em promessas e esperanças e dar lugar a que nos *codilhem* habilmente, deixando aos adversarios crear tempo? Não; que nós não somos caloiros, nem novatos em politica. Já sabemos de sobejo como se fazem essas coisas. O que elles querem é ganhar tempo. O que elles querem é conservar-nos n'uma espectativa relativamente mansa. E entretanto esvaír-se-ha o entusiasmo popular, subirá mesmo a descrença no animo do povo, afrouxarão uns, fugirão outros, etc.

Ora os meninos, que julgavam estar jogando com palermas! Pois esperem lá, que nós lhe vamos dar o troco.

O ultimo dia de tréguas será impreterivelmente o ultimo dia d'este mez. Se até lá as coisas não tomarem outro caminho, a guerra continuará implacavel e feroz em comicios, em pamphletos, em manifestações das ruas, em tudo quanto seja necessario. Não somos nós que estamos falando, entendam bem. E' um povo inteiro, é uma cidade illustre, são milhares de vozes por intermedio d'este semanario. Nós falamos a linguagem do dever. D'um dever que nos impõe um povo que nos tem dado os seus applausos, o seu apoio, toda a sua dedicação; e por isso d'um dever que só por uma grande biltraria poderíamos deixar d'executar e de cumprir. Não; o povo está costumado a encontrar pusillanimes e traidores na sua frente. E d'ahi o profundo desanimo que se lhe nota em toda a parte. Pois d'esta vez, quasi como symptoma de resurreição, não ha de encontrar nos dirigentes de todos os grupos liberaes d'esta cidade, em todos os democratas de valor, em todos os patriotas de cathedra, senão uma energia tenacissima e uma coragem inabalavel.

Em todos, estamos certos d'isso. Aqui não ha vaidades, nem exclusivismos. Aqui ha um sincero laço de fraternidade entre todos os liberaes e patriotas aveirenses, uma intima solidariedade pela causa da patria, pelo bom nome d'esta terra em que nascemos e de que nos orgulhamos, entre todos os individuos e de todos os partidos, que julgam haver alguma coisa de mais levantado e mais nobre que o misero interesse pessoal que tudo tem corrompido e avassalado no paiz, que essa ambição deploravel e mesquinha que tem sido apanagio

de politicos sem brio, sem pun-donor, sem alma, sem patriotismo.

Todos tem trabalhado igualmente, todos são igualmente benemeritos.

Por isso não duvidamos afirmar que a comissão partirá em breve para Lisboa e d'ahi se seguirá nova ruptura de hostilidades, muito mais accésas e graves do que anteriormente. Hostilidades que, sem duvida hão de dar fartos dissabores ao ministerio.

Pela Patria:
Pela Liberdade:
Para a frente, sempre para a frente.

MALANDROS

Mais **setenta e nove** mulheres, ou **trezentas e sessenta e cinco** as que figuram já na representação a favor das irmãs da caridade!

Repetimos: a mulher tem o seu papel assegurado no seio da familia, onde os seus serviços á civilização podem ser os melhores e os mais brilhantes a prestar. Fóra d'esse campo é um aborto. E vestindo calças, e querendo influir nos negocios publicos, ha de ter os perigos e as responsabilidades da sua nova situação. Achavamos-nos, por conseguinte, dispensados de todas as deferencias pelas signatarias d'esse triste documento que a cabeça parva do sr. tenente elaborou e traçou. De qualquer escrupulo por quem se apresenta na arena com maior reconhecimento official aos seus direitos civis e politicos que os proprios homens. E' principio aceite em toda a parte e reconhecido por todos os publicistas.

Mas não. A culpa não é d'ellas. E' de todos os tratantes que se lembraram d'especular com o nome d'umas pobres senhoras, e de todos os maridos parvos e paes malucos que cahiram na asneira de arremessar para as chufas das ruas com uns nomes que por todos os titulos deveriam ser recatados e alheios ás luctas populares.

Não; nós temos brincado e ninguém nós pôde levar a mal a brincadeira desde que nos arremessaram ás faces com a maior irregularidade e o maior aborto que se poderia imaginar:—isto é, mulheres a querearem-se impôr n'uma questão onde os direitos dos homens foram contestados. Aborto, por um lado repugnante, por outro lado ridiculo.

Mas, a sério, só podemos lamentar o facto. Só podemos fazer subir de ponto a nossa indignação contra essa infame quadrilha, que especulando com todos os principios nobres, que abusando de todas as leis de cavalheirismo, generosidade e deferencia, que arrastando tudo quanto ha de respeitavel e sagrado nas relações sociaes, não duvidaram agora ridicularisar, comprometter e sujeitar aos sarcasmos, até certo ponto justos, de quem quer que seja, os nomes d'umas mulheres, d'umas senhoras sem duvida muito honestas e muito dignas na sua grande maioria, mas arrastadas por uma insensatez deploravel a servir d'instrumento ridiculo d'uns malandros, d'uns quadrilheiros, d'uns biltres de quem ellas serão as primeiras a ter o mais profundo nojo e o maior tedio n'este instante.

Sim, falemos sério. Deixemos de parte as brincadeiras, que o caso merece ser tratado d'outra fórma.

Em tudo se reconhece a falta de caracter, a garotice, a infamia d'esses bandidos. Quando foi dirigida ao parlamento a representação do povo d'esta terra, representação coberta de centenaes d'assignaturas em tres dias, e que muitas mais teria se não fóra a precipitação com que se encerrou, não houve canalhice, nem mentira que o tenente Zé Forqueta do hospital não pespegasse no

papel da Vera Cruz. Que a representação levava nomes de menores, assignaturas a rogo, o que, na opinião d'elles, era um crime, individuos de todo o districto, etc, etc. Mentira soez e villá. Mal figuravam na representação seis ou sete individuos estranhos á cidade, mas todavia do concelho.

Porém, ou verdade ou mentira. A questão é que quem censurava nos outros qualquer coisa fica, *ipso facto*, inhibido de a querer para si ou de a praticar. Pois sabem o que succede? Era um crime a nossa representação levar nomes de menores e elles... encham a sua com assignaturas em duplicado e nomes de mulheres! Era uma monstruosidade a nossa representação ser assignada pelos habitantes do concelho, sendo a pendencia puramente local. E elles... recrutam assignaturas de um ao outro extremo do districto! Era uma illegalidade a nossa representação levar assignaturas a rogo e a d'elles... está cheia d'ellas desde o principio até ao fim.

Onde ficou a prosapia d'estes biltres? Onde está a seriedade d'estes pulhas? Tiveram algum dia sombras de caracter, estes miseros ciganos?

Creiam os leitores no que sempre lhes dissémos, e os factos ahí estão para o provar:—não ha biltraria nem canalhas, ou no bairro d'Alfama, ou na Mouraria, ou nos becos immundos de todas as grandes cidades, que cheguem aos calcanhares d'esta suja companhia de malandros, que para vergonha da civilização nacional exercem o seu mister infame na cidade de Aveiro, a contento dos poderes constituídos e com o applauso das proprias regiões officiaes. Uma companhia de malandros de que é eximio e habil commandante um governador civil! Tapemos o rosto de vergonha.

Mas bem. Temos já por conseguinte trezentas e sessenta e cinco mulheres. Padres, eram **oitenta e sete**. Com mais **trinta e um** que sahiram da casca esta semana, temos a bonita conta de **cento e dezoito**.

Cento e dezoito padres! Maldictos sejam elles, que são como os gafanhotos. Ora calculando que cada padre arranjasse dez assignaturas, e é contar muito por baixo porque cada prior é capaz de arranjar mais de cem, ahí temos nós só por esse lado **mil, cento e oitenta assignaturas**. E então, não é verdadeiramente a representação dos padres e a representação das mulheres? E é com isso que os malandros querem influir no poder executivo e resolver a questão!

Bem diziamos nós a sua s.^a o digno e illustre commandante:—«ande lá, ande lá, arranje assignaturas, mas olhe que ha de apanhar indigestão.» Não foi indigestão, foi volvo. O homem com a sua padralhada, com as suas mulheres, com todos os recursos de que lançou mão e com as incoherencias que citámos, arranjou um nó nas tripas, para o qual nem valem alicantinas, ou remedios caseiros, nem esforços da sciencia. Ha de morrer arreventado.

Uma representação dos padres. As proprias mulheres o veem provar; e, mais ainda do que ellas, os quinhentos lavradores de que falámos n'outro dia, que, com mais **cento e sessenta e sete** que surgiram, dão hoje a continha calada de **seiscientos e sessenta e sete**, não esquecendo **cento e trinta e oito empregados publicos**, que veem completar o quarteto offenbachiano regido pelo Zé Forqueta do hospital, com zabumba do Manuel do olho vivo, tambor do fernando cego e pifano do manel ceguinho. Quer dizer, Zé Forqueta com Zé Pereira. Um casamento fidalgo, com as benções do prior da Vera Cruz.

E no meio de tudo sabem quantos operarios, artistas e trabalhadores? Sabem quantos sapatarios, carpinteiros, pedreiros, calafates, marnotos, pescadores, bar-

beiros, etc, e isso é que constitue o verdadeiro povo, o povo honrado e bom, cheio de crengas, de patriotismo e de fé, figuram na representação? **Cento e trinta e oito** simplesmente! **Cento e trinta e oito** n'um districto que tem mais de **cincoenta mil** individuos d'essa cathedra. **Cento e trinta e oito**, quando só a cidade de Aveiro tem mais de **quatrocentos** marnotos, fóra os marinheiros, fóra os barqueiros, fóra os pescadores, fóra os artistas, operarios e trabalhadores de todas as cathedras e classes.

Cento e trinta e oito! Eis a popularidade do governador civil, eis o que vale a representação, eis a prova cabal e manifesta de que as irmãs da caridade, o tenente, o capitão e toda a quadrilha estão irremediavelmente perdidos na consciencia popular. De nada valem, ao pé d'isto, as vossas mulheres, os vossos padres, os vossos funcionarios publicos. Aqui, ó malandros, é que se vê como o vosso descredito é profundo, como a vossa causa está julgada entre as grandes massas trabalhadoras e honestas, que são a alavanca da civilização e a força dos paizes.

Não precisamos de mais nada. Mas no proximo numero, ainda assim, veremos como foram recrutados esses proprios **cento e trinta e oito** operarios. Ha de ser curioso e significativo.

Quem será o padre que, segundo é voz publica, entra a toda a hora no hospital e tem as mais intimas, cor-deas e beatificas relações com as irmãs da caridade?

Quem será o malandro que se refestela nas maiores podridões depois de prégar a moralidade na rua?

Já se sabe a que se deve o sermão da capella do Rocio e da capella das Barrocas. Já se sabe o que anda por detraz de tudo isto. Já se sabe para que se querem cá as irmãs da caridade.

Não foi só para que ellas atormentassem os doentes com indulgencias e com rezas que o sr. tenente as chamou cá. Não foi só para que insultassem a memoria de José Estevão. O Zé Forqueta do hospital ainda teve um outro fim. Esse fim ei-lo ahí!

Zé Forqueta é um agente d'um padre dissoluto. Escreveremos a historia do contracto e a historia dos amores escandalosos.

OS QUADRILHEIROS

(APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA COMPANHIA DOS MALANDROS)

A historia dos relógios, passada entre o primeiro sargento e o sr. Araujo, um distinctissimo artista muito conhecido em Lisboa e estabelecido na rua da Boa Vista d'aquella cidade, tem alguma graça, e, sobretudo, continua confirmando que o fernando cego não é de modo algum um simples caloteiro, designação contra a qual nós temos protestado e protestámos, mas um gatuno experimentado e completo, que procura obter dinheiro pelos meios indignos que tem valido a outros Penitenciaria e de gredo. Se na Penitenciaria e em Africa estão individuos por terem extorquido dinheiro e objectos de valor aos incautos pelo mesmo processo do fernando cego, como é que este figurão não só passeia ahí impune como ainda quer considerações de grande homem? Isto define bem a sociedade portugueza dos tempos actuaes. Nunca vimos podridão assim. Mas adeante.

O sr. Araujo recebeu uma carta, onde se via o signal da administração do concelho de Aveiro, assignando o fernando cego como

respectivo administrador. N'essa carta o marmanjo pedia um relógio.

O sr. Araujo não teve grandes duvidas, porque entendeu, e entendeu perfeitamente, que um administrador de concelho não podia ser um ladrão. Mas, pelo sim, pelo não, como na sociedade actual, em que os ladrões pullulam desde os ministros d'estado até aos governadores civis, não ha em que fiar, sempre se reservou para tirar algumas informações.

Na rua da Boa Vista existe um club republicano, o club Victor Hugo, a que pertencem alguns individuos do concelho d'Aveiro. O sr. Araujo lembrou-se de que talvez ahí podesse obter informações e foi lá procura-las. Porém, não encontrando nenhum dos individuos d'este concelho, encarregou o continuo de lh'as obter em outro dia por intermedio de qualquer d'aquelles cavalheiros. O continuo assim o fez e n'um dia de cobrança perguntou n'uma padaria estabelecida no bairro da Esperança por um tal Fernando de Vilhena, de Aveiro, que se dizia administrador de concelho.

—Oh! isso é uma boa pessoa. E' um santo, respondeu o dono da casa.

—Então é pessoa a quem se possa confiar alguma cousa?

—Pois então não é?! Confie-lhe volé a sua casa, que elle restitue-lh'a no dia seguinte.

Claro é que o dono da padaria, sem prevér as consequencias, estava ironicamente falando, rindo-se da simplicidade do pobre homem que lhe estava perguntando se o Fernando de Vilhena era individuo em quem se podesse confiar. E, na verdade, era caso para rir. Entretanto, aquelle mesmo cavalheiro confessa que se soubesse o que sabia d'alli, os seus termos seriam outros. Mas, não deu importancia ao caso e o caso passou, como se vae vêr.

O continuo não percebeu os modos ironicos com que lhe estavam falando e foi dizer ao relojoeiro que podia mandar todos os relógios para Aveiro, se quizesse, porque estava tratando com pessoa capaz.

—E esta, diz hoje o sr. Araujo com graça! Se me pede duas duzias de relógios em lugar de me pedir um, eu não lh'os mandava?

Mandou-lhe um, foi a sua felicidade. Mandou-lhe um e nem resposta, nem mandado. Isto é, passou-se uma semana e o sr. Araujo, pasmado de não ter *noticias* do relógio, mandou perguntar ao cego se o tinha recebido. O cego, cego para a honra sómente, está claro, nem palavra. Passou-se outra semana e o sr. Araujo... nova carta. Cego, moita! Outra semana e outra carta. Então cego resolveu-se a responder que tinha recebido o relógio e que ia pagar. O sr. Araujo esperou. Depois novas cartas, depois bilhetes postaes. Mas... Cego não tornou a dar accordo de si até hoje. Dorme tranquillamente nos braços da sua innocencia, reclinado no collo do manel ceguinho... o irmão gemeo.

Que grande patife!

Agora mudemos de scenario. Sabemos de boa fonte que o sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena, provedor da Santa Casa da Misericordia, ainda não apresentou á mesa a que preside a representação dos irmãos da mesma Santa Casa, nem a dos membros da comissão José Estevão.

Aquillo é que é um mariola perfeito, com figados arabes e costumes de sultão! Em tudo mostra os seus habitos de serrallo, o tratante.

Ahi tem o sr. José Luciano o amor que os seus representantes nutrem pela liberdade e pela lei. Ahi tem a prova de que na questão do hospital não ha nenhum espirito de reacção, nem de jesuitismo. Um maroto que leva o seu desrespeito por todos os principios liberaes até deitar para o lixo as representações de duas col-

lectividades dignas de toda a deferencia, e que anda a dizer para ali que não ha ninguem mais amigo da liberdade do que elle e a scucia que o cerca! Arte, malandro.

As representações dos irmãos da Santa Casa e da commissão José Estevão não só se desatendem, como nem sequer são presentes á respectiva mesa. Quem tem auctoridade, são então umas pobres mulheres que não sabem o que fazem, nem o que dizem, e nem tem competencia para dizer coisa nenhuma no assumpto que se debate, e umas duzias de marmoscos, de padrecas, alguns dos quaes **nem mesmo ao districto de Aveiro pertencem!** Arre, bandido.

Outra scena. Hoje não contámos nenhuma gatunice do governador civil, porque temos de o encarar por outro lado. Ahi vae. **Esse vil quadrilheiro recebe um individuo na cadeia d'Aveiro por mais de seis mezes sem culpa formada.** Sabe-se que a auctoridade administrativa não pôde ter nenhum preso á sua disposição por mais de 24 horas. **Pois abusando-se da desgraça d'um infeliz, que além de desprotegido é mudo, e portanto não pode explicar-se, nem se pode queixar, o governador civil d'Aveiro, o capitão d'esses calabrezes de faca e punhal que infestam a cidade, conservou o infeliz mais de seis mezes na cadeia, unicamente porque se temia que o desgraçado ensaboasse a cara d'um patife d'um progressista de Ovar que lhe tinha feito qualquer pouca vergonha.** Isto é unico e é monstruoso.

Mais. O homem foi preso em Ovar. **Portanto, a ter praticado algum crime era lá que devia ser processado e na cadeia d'Ovar é que devia estar preso, salvo se ella não offercesse sufficientes garantias de segurança, o que não succede.**

E' pasmoso, é estupendo isto. Parece que o districto de Aveiro é um retalho de Marrocos.

Mais. Por fim soltou-se o desgraçado, pela impossibilidade de o deixarem apodrecer na cadeia. **Mas remetteram-no ao director dos trabalhos da Barra com a recommendação expressa de o trazerem vigiado para que não fugisse.**

A Calabria, verdadeiramente a Calabria. O governador civil de Aveiro não é só um ladrão. Tem todas as qualidades d'um puro calabrez. **Ladrão, despota, assassino, tudo.** Elle é tudo. Se bem o diz, bem o faz. Elle é tudo. E como é tudo, até arranjou trabalhos publicos para os criminosos do seu districto, quando a lei nem em Africa permite esse castigo. E' ou não é um capitão de bandidos?

Emfim, como o director dos trabalhos da Barra se negasse nobremente a sancionar uma tal patifaria, parece que é nos trabalhos da camara que o infeliz arasta a grilheta cumprindo a sentença que lhe impoz o governador civil de Aveiro.

Um cumulo! Um cumulo de ultrages e um cumulo d'infamias, no reinado liberal do sr. D. Luiz de Bragança e sob o governo d'um ministerio progressista.

Viva Portugal, que é o paiz mais liberal do mundo!

Triste irrisão, triste sarcasmo á desgraça d'este povo infeliz!

ver defendido a honra e as tradições da sua terra vilmente offendidas com a introdução das irmãs da caridade no hospital civil e por ter zelado a causa da moralidade publica e desaggravado o nome do districto de Aveiro pondo a nu as pustulas do sr. Manuel Firmino d'Almeida Mala.

Transporte.....	183\$770
Manuel Nunes Ferreira.....	\$200
José Dias Marques.....	\$100
Um que detesta as irmãs da caridade.....	\$500
Manuel A. de Abreu.....	\$300
Joaquim Baganha.....	\$300
Francisco Martins Branco.....	\$100
Carlos Fernandes Mathias.....	\$100
Um que tem nójo das caridades do mano das manas.....	1\$000
Joaquim Nunes.....	\$100
Um inimigo d'um jesuita encasacado, que frequenta as tabernas...	\$100
Um inimigo do cachaco de toiro.....	\$100
Um liberal victima dos jesuitas.....	2\$000
Um que nunca roubou casacos.....	\$500
D. P. G.....	2\$000
José Marcos de Carvalho	\$200
Um inimigo do jesuitismo.....	1\$500
Um liberal.....	\$500
Anonymo.....	\$500
	193\$870

(Segue.)

Carta da Bairrada

Agosto, 24.

A temperatura baixou consideravelmente. Vieram já umas chuvas prenunciando a proximidade do outomno e a maturação dos cachos. Estes ganharam bastante com estas primeiras chuvas. Estão mais cheios, mais desenvolvidos, e, se o tempo correr de feição até á vindima, isto é, se a temperatura se conservar amena e cessarem as chuvas, a colheita, apesar da queima dos primeiros dias de agosto, será melhor e maior do que ao principio se julgou. Oxalá que não surjam novos contratemplos que ponham outra vez em inquietação a sorte do pobre lavrador!

Ao que se diz, vae ser creado um julgado municipal no concelho de Oliveira do Bairro. As altas influencias da Bairrada, que por cá dão a lei em tudo, passam por baixo das forcas caudinas n'esta questão do julgado, se por ventura elle se crear. Historiemos o caso em duas palavras.

Segundo nos informam, a camara de Anadia quando teve de responder á circular de 22 de dezembro de 1887 sobre a divisão comarca no paiz, disse, pouco mais ou menos, o seguinte: — «quanto á comarca de Anadia deve manter-se a actual divisão, bem como a dos julgados ou districtos de paz, devendo por isso ficar um em S. Lourenço (Anadia), outro em Oliveira do Bairro e outro na Mealhada. Não podem, porém, crear-se julgados municipais em Oliveira do Bairro ou na Mealhada, porque nenhum d'esses concelhos está nas condições do decreto de 29 de julho de 1886, como se acha verificado pelas estações competentes.»

Ora, se as influencias superiores da Bairrada com sede na cabeça de comarca, d'onde dirigem a politica e os destinos do districto, assim opinavam quando informaram sobre a circular de 1887, e se hoje patrocinam a criação do novo julgado, está claro que obedeceram a imposições de muita força que lhes fizeram dobrar a cabeça e dizer «amen» ás exigencias dos povos d'Oliveira do Bairro, que aliás julgámos até certo ponto justas. Resta agora que a Mealhada imponha tambem

a sua vontade. Se assim acontecer, não nos dirão a que ficará reduzida a comarca d'Anadia? A villa sabemos nós que vae ter ostentosas avenidas e largas praças por conta e risco de quem ordenou a criação da escola de viticultura no local que lhe está destinado. Mas o juiz e os empregados da comarca poderão viver apenas d'essas espectaculosas obras que estão planeadas ha tanto tempo e que já foram festejadas por girandolas de foguetes que aturdiram os ares ha dias?!

Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Aos srs. assignantes

das localidades onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de mandarem satisfazer os seus debitos, o que desde já agradecemos.

Em companhia de sua ex.^{ma} esposa e filhos, chegou ha dias a esta cidade o nosso illustre conterraneo e distincto official de marinha, o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

O sr. Casimiro da Ascensão de Souza Menezes, que exercia as funções de director das obras publicas de Aveiro, foi transferido para Braga, para onde já partiu ha dias.

Para este districto foi nomeado o sr. Francisco da Silva Ribeiro, que já tomou posse do respectivo lugar. Veio da Guarda.

A fim de fazer uso de banhos do mar, sabiu na quinta-feira para a Costa Nova do Prado o sr. Francisco de Pinho Guedes Pinto, esclarecido escrivão da camara municipal.

Foi publicada na folha official a lei que cria os lyceus femininos. Haverá tres: um em Lisboa, outro no Porto e outro em Coimbra.

O curso d'esses lyceus é o seguinte:

- 1.º Moral, direito usual e religião;
- 2.º Lingua e litteratura portugueza;
- 3.º Lingua franceza;
- 4.º Geographia geral, e especialmente a de Portugal e suas possessões, noções muito summarias de chronologia;
- 5.º Historia geral (resumo) e especialmente a portugueza;
- 6.º Mathematica elementar;
- 7.º Sciencias physicas naturaes;
- 8.º Pedagogia, hygiene e economia domestica;
- 9.º Desenho;
- 10.º Musica;
- 11.º Gymnastica;
- 12.º Trabalhos manuaes.

Dizem de Lisboa que chegaram alli ante-hontem, alguns jesuitas e irmãs da caridade.

Raça maldita! E depois ainda ha farçantes que se atrevem a perguntar onde está a corja n'este paiz!... Só a muita força de vergalho.

O nosso amigo sr. Fernando Homem Christo estabelece desde hoje, na fórma dos annos anteriores, uma carreira diaria de carros para a Barra.

Recommendámos a leitura do annuncio que vae adiante.

Bellezas da religião catholica romana:

O papa João XXII vendeu publicamente absolvição para o parricidio, o assassinato, o roubo, o incesto, o adulterio, a sodomia e a bestialidade. A tarifa d'essas escandalosas absolvições foi publicada depois pelo papa Leão X, em 1514. Eil-a:

Por 27 libras se pôde comer laticínios em tempo prohibido.

Por 131 libras se absolve um hereje.

Por 20 libras se perdoa o perjurio.

Por 131 libras se absolve qualquer infamã.

Por 168 libras se absolve o homicidio.

Por 27 libras se perdoam as pancadas dadas em clérigos.

Por 17 libras se absolve o assassinato da esposa pelo marido.

Por 24 libras se perdoa a morte do marido pela mulher.

Por 17 libras se perdoa o pae ou mãe que afogue um filho.

Por 57 libras são indultados os saltadores, incendiarios e ladrões.

Por 87 libras se perdoa o adulterio.

Por 67 libras se perdoa o peccado com filha, irmã, parenta ou religiosa.

Por 137 libras se perdoa o peccado commettido por uma monja com varios homens.

Encontra-se bastante doente na sua quinta de Alqueidão, proximo a Ilhavo, o sr. Domingos José Soares. Desejamos-lhe promptas melhoras.

Publicámos em seguida os documentos que dizem respeito a dois espectaculos realizados ultimamente no nosso theatro pela *Troupe Dramatica Aveirense*:

Conta da receita e despeza do espectáculo dado no theatro Aveirense, pela *Troupe Dramatica Aveirense*, na noite de 29 de junho de 1888, em beneficio da estatua de José Estevão.

Productos do espectáculo.....	80\$250
Despeza.....	40\$725
Saldo liquido.....	39\$525
Total.....	80\$250

Aveiro, julho de 1888.

Pela troupe,
Adriano Costa.

Eu abaixo assignado recebi da *Troupe Dramatica Aveirense* a quantia de 39\$525 réis—trinta e nove mil quinhentos e vinte e cinco réis—, importe do rendimento liquido do espectáculo que, em beneficio da estatua de José Estevão, a mesma promoveu no Theatro Aveirense em a noite de 29 de junho ultimo.

Aveiro, 16 de julho de 1888.—O thesoureiro da commissão promotora do monumento, *Pedro Antonio Marques*.

Sociedade do Theatro Aveirense

Recebi da *Troupe Dramatica Aveirense* a quantia de sessenta mil setecentos e dez réis, proveniente de um espectáculo que a mesma troupe deu a beneficio do mesmo theatro, na noite de 15 do corrente, sendo este o rendimento bruto.

Aveiro, 19 de julho de 1888.—O presidente da direcção, *Visconde da Silva Mello*; o thesoureiro, *José Antonio Marques*.

Sabiu ha dias para os Açores o nosso estimado patricio sr. dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, que tinha vindo a Aveiro em gozo de licença.

Feliz viagem.

A communa de Klingenberg, nas margens de Mein, é um paiz ideal. Além de se não pagar um ceutil de impostos, cada habitante recebe ainda annualmente da administração communal 140 marcos e 5 steres de lenha.

Dá vontade da gente agarrar nas malas e emigrar para lá.

Recebemos e agradecemos o relatório da gerencia da Associação dos Empregados do Caminho de Ferro Portuguezes, respeitante ao biennio de 1886-1888, e parecer da junta consultiva.

Parece que o regimento de cavallaria 10 passa brevemente a alojar-se na parte já construida do quartel de Sá, em consequencia das pessimas condições em que se encontra o quartel de Santo Antonio.

Accusámos a recepção das seguintes publicações, que muito agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Joganã, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculos n.ºs 30 e 31.

— *As Doidas em Pariz*, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Cadernetas n.ºs 40 e 41.

Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

— *Revista Popular de Conhecimentos Utéis*, n.ºs 11 e 12. Eis o summario d'este numero:

A sciencia; O calendario; A albumina; Apontamentos para a historia da escripta; A cidade de Woodstown; Luiz Pasteur; O nosso ensino primario e secundario; Progresso da artilheria; Nova luz artificial para retratos; Meteorismo; Agua balsamica para tirar a pedra dos dentes e restituir-lhes a brancura; Conservação da carne; Tracção electrica pelos accumuladores em New-York; Novo theatro em Bruxellas; Meio de evitar a sonoridade dos sobrados sem sobrecarregarem os madeiramentos; Novo processo de fabrico da folha de Flandres; Novo vesicatorio; Melhora das ferragens nos annos humidos; Os tubos conductores de agua no Japão; Estatua de Mirabeau; Ambulancias urbanas.

Marchou para Coimbra a força de infantaria 23 que aqui se achava destacada sob o commando do sr. tenente Francisco Pereira de Lemos.

As guardas passaram a ser feitas por cavallaria.

Carreira para a Barra

Fernando Homem Christo estabelece desde hoje uma carreira diaria de carros para os banhos da Barra. A partida d'esta cidade é ás 6 horas da manhã.

Espera-se o favor de todas as pessoas que costumam frequentar aquella praia.

Annuncios

Vêr para crêr!!!

JOAQUIM DIAS ABRANTES participa ao respeitavel publico que acaba de abrir n'esta cidade, na travessa da rua dos Mercadores, n.ºs 7 a 11, um estabelecimento de fazendas de lã, tanto nacionaes como estrangeiras, onde se encontra tudo o que ha de mais moderno para fatos de homem.

Tambem tem um variadissimo sortimento de chales de excellentes góstos e o que ha de mais chic.

Tudo por preços sem competencia.

CASA

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia, tendo sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com seu dono **Francisco Augusto Duarte**.

Pomada Curativa Vegetal RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais effizaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cancro mesmo depois de ulcerados, sypphilis, erysipelas, escoriações, doenças de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflammações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carneira, largo dos Trigueiros, 14, 2.º, Lisboa. Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.

SUBSCRIÇÃO PUBLICA

Subscrição aberta pelo jornal o «Povo de Aveiro» para occorrer ás despezas dos processos que lhe move o governador civil substituto e mais malandros de que o mesmo governador civil é capitão, por este jornal ha-

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 500 réis por semana e a dinheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recomendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações allemãs.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os allemães se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER. O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas denominadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer primorosissimos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival. E' a rainha das machinas!

75, Rua de José Estevão, 79

AVEIRO

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS

HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME

"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE

TUBOS DE FERRO
ziboados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUCHOC).



FOGÕES CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO

"AGATE"
Para serviços da cozinhas e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Lrogas.

E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente, 127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, a colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envlucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marea que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 265000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira' 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de no-das de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000.000.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartos a 1200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, teem de tirar uma licença que nas provincias é de 18500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA
ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA